

Uma Epopeia Digital

A Digital Epopee

LUZIA PINHEIRO E MOISÉS DE LEMOS MARTINS¹

Resumo

Como é fazer uma tese de doutoramento em tempos da Web 2.0, em que, a cada dia, somos bombardeados com novas publicações que poderão ser de interesse na sustentação teórica e metodológica da nossa tese, disponíveis digitalmente ao alcance de um clique? É essa a questão que exploro tomando a minha tese de doutoramento com o tema “Cyberbullying e cyberstalking” como exemplo.

Palavras-chave: Doutoramento; investigação; internet, cyberbullying, comunicação

Abstract

How to do a PhD in times of Web 2.0, where every day, we are bombarded with new publications that may be of interest in the theoretical and methodological support of our thesis, available digitally within reach of a click? That's the question I explore by taking my PhD thesis on the topic “Cyberbullying and cyberstalking” (SFRH / BD / 62013/2009) as an example.

Keywords: PhD; research; internet; cyberbullying; communication

¹ Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, campus de Gualtar, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Endereços eletrónicos: luzia.o.pinheiro@gmail.com; moiseslmartins@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo, inspirado nas aventuras que pautaram as pesquisas *online* relativas à tese de doutoramento “*Cyberbullying e cyberstalking*”, aborda algo comum a todas as outras, que é a pesquisa com base na sustentação teórica e metodológica da tese. Mais concretamente a pesquisa de publicações em suporte digital.

Certo é que nos dias de hoje embrenhar pelos caminhos de uma tese de doutoramento pode parecer fácil por vivermos numa sociedade cibercultural (Lemos, 2003). Comparativamente com o antes da *internet* fazer parte dos nossos dias, temos, de certa forma, o caminho facilitado. Enquanto que em outros tempos era fundamental perder-se nos corredores de bibliotecas e livrarias do país e até de outros países de forma a encontrar a informação que qualquer estudante de doutoramento necessita para a redação da sua tese, agora basta abrir um computador ligado em rede. Mas se isto pode parecer a luz ao fundo do túnel, um peso tirado dos ombros, desengane-se os crentes.

2. AO ALCANCE DE UM CLIQUE

Se abrirmos o Google ou qualquer outro motor de pesquisa *online* e escrevermos uma palavra ou frase e clicarmos *enter* os resultados serão imensos. Uns mais adequados que outros, mas seguramente inúmeros resultados úteis para o nosso objetivo de pesquisa. Desde os textos mais antigos, aos livros que já não se publicam até aos artigos mais recentes já publicados diretamente em suporte digital basta saber usar a *internet* para termos acesso a eles. Além haverem pessoas que possuem publicações antigas se dedicarem a digitalizar algumas, também bibliotecas investem na digitalização das suas obras. Apesar de ser um modo de preservar a publicação valiosa em papel, é também um meio de a fazer chegar a mais pessoas sem o inconveniente da espera das requisições. Uma vez digitalizadas, as obras ficam disponíveis no catálogo *online* da biblioteca e podem ser acedidas por um sem número de indivíduos ao mesmo tempo. A facilidade da tradução *online* também abonou em favor da popularização do texto em formato digital. Mas além das publicações inicialmente emitidas em papel, anteriores pois ao digital, as posteriores começaram já a disponibilizar-se em ambos os formatos. Isto porque na sociedade atual da comunicação e informação em massa o partilhar *online* assume-se como forma de reconhecimento do trabalho de cada um, assim como de fazer chegar a mais pessoas do que chegaria por meio do tradicional formato impresso. Mas não só. O poder publicar em *blogs*, em *sites* e em revistas *online* sem a necessidade de gastar grandes somas monetárias ajudou a popularizar o digital. Além da flexibilidade que este representa. Mais formais, as obras em papel sempre manifestaram um maior formalismo de temas tratados, de estilo de escrita e de cientificidade comparativamente com o digital. Cada um pode criar um *blog* e escrever a bel-prazer com maior ou menor rigor. Tal é positivo por permitir ampliar a oferta de informação, e negativo por muitas vezes não garantir fiabilidade científica. Mas centremo-nos agora em como se pode pesquisar *online*. Porque para construir uma tese é preciso sustenta-la

teórica e metodologicamente, sendo a leitura fundamental. Mas não serve qualquer publicação. É preciso rigor. E no que toca à pesquisa *online* é como encontrar uma agulha num palheiro. Mas existem formas de tirar partido do exagero de informação disponível: de forma a não nos perdermos no meio de centenas de resultados, é preciso criar métodos que visem filtrar os mesmos.

3. COMO TIRAR PARTIDO DA INFORMAÇÃO ONLINE: O PROCESSO DE PESQUISAR

Antes de mais, vamos estabelecer como motor de busca padrão o Google. Além de ser atualmente o mais utilizado apresenta como vantagem a facilidade de utilização e a rapidez com que obtém resultados (Mendes, 2009; Pereira, 2008; Lacerda, 2008). Imaginemos que queremos pesquisar sobre metodologias de investigação. Se colocarmos simplesmente isso e inserirmos *enter* vamos ter algo como: cerca de 574000 resultados (em 0,27 segundos). Os primeiros resultados dependem variam de pessoa para pessoa de acordo com os padrões de pesquisa de cada um, pois o Google tende a adequar a pesquisa em função do anteriormente procurado pelo utilizador quando se recorre à pesquisa simples (Google, 2014a, 2014b; Sampaio, 2010; Mendes, 2009; Pereira, 2008; Lacerda, 2008).

Para conseguir resultados adequados às necessidades académicas devemos pois tirar partido dos filtros (Google, 2014a, 2014b). Simplesmente basta escrever isto no Google “metodologias de investigação:pdf” para que se limite a pesquisa aos conteúdos digitais em formato PDF que é o mais utilizado em artigos e livros científicos (Google, 2014a, 2014b; Sampaio, 2010; Mendes, 2009; Pereira, 2008; Lacerda, 2008). Pois o que não seja em PDF deve ser pesquisado depois, de acordo com a disponibilidade temporal e curiosidade de cada um, uma vez que é preciso ter em conta que nem tudo o que está *online* é utilizável para um trabalho com rigor científico (Pereira, 2008; Lacerda, 2008). Com somente este filtro conseguiu-se reduzir os resultados obtidos de mais de 574000 para 505000. Continuam a ser demasiados. Mas existem outros critérios.

Seguidamente de acordo com os nossos interesses ao “metodologias de investigação:pdf” podemos selecionar nas “ferramentas de pesquisa” o idioma pretendido, a data ou intervalo da publicação (mais recente, mais antigo ou todos) ou o país de origem (Google, 2014a, 2014b). Podemos reduzir e dizer que queremos documentos publicados em Portugal, em português, no último ano. Reduziu-se assim para cerca de 11900 resultados.

De uma maneira geral, o Google apresenta os resultados por ordem de relevância (Google, 2014a, 2014b). Assim, o que se encontra na primeira e segunda páginas de resultados devem ser considerados, e os restantes relevados para segundo plano. Certamente que os resultados podem ser mais reduzidos, e isso apenas se consegue se em vez de conceitos ou termos gerais se pesquisarem conceitos ou frases específicos, como por exemplo: metodologias de investigação *online* qualitativas (o que dá cerca de 3340 resultados mantendo os filtros anteriores).

Cada investigador deve adequar a sua pesquisa aos seus objetivos. E ser rígido nesse sentido, caso contrário terá tendência a perder-se na imensidão de resultados.

4. DECIDIR SOBRE OS RESULTADOS

Existe um risco enorme associado à pesquisa *online*: a sede de informação misturada com curiosidade e indecisão. Isto pode levar um doutorando à perda dos limites. Mas também a perder o caminho e tempo. Perder tempo a pesquisar é fundamental. Mas perder tempo a ler coisas que “podem ser úteis” mas que não se adequam aos objetivos iniciais é perigoso. A tendência à dispersão é grande. O disperso não é perverso, mas imersivo. Quando uma pessoa dá conta já leu vários artigos e nenhum deles era de grande utilidade. Mas este risco pode ser minimizado através do foco. Focar nos objetivos de pesquisa é fundamental assim como controlar o impulso da curiosidade de ir ver mais alguns resultados, motivado pela sede de conhecimento e do bichinho interior do explorador que todos os investigadores têm latente (uns mais adormecido que outros).

Outro risco é a indecisão. A ampla oferta de artigos digitais leva a isso: de um momento para o outro não se sabe o que ler, o que utilizar, quer-se ler e citar tudo. E lá no meio até se descobrem uns quantos autores e artigos que se contradizem entre si. O que fazer? Na minha tese cujo tema central é o *cyberbullying* isso foi uma constante que me assaltou. As publicações são muitas, as opiniões também e de controvérsias perde-se conta. Da leitura de vários artigos a confusão instalou-se.

A solução foi mais simples do que parecia à partida. Passou pela reflexão profunda dos objetivos da tese, da redefinição da pesquisa para os artigos originais que estimularam as publicações mais recentes e da ponderação sobre o lido para posteriormente poder fazer uma seleção das publicações mais recentes com melhor escrutínio. É preciso fazer opções num mundo em que o excesso de informação é rei. Para tal é preciso muitas vezes ir às origens. O atual é importante, mas é preciso igualmente pesquisar mais atrás. A indecisão por vezes é destruída quando se faz este processo: o de ir às origens.

Após este processo, o efeito do bombardeamento de artigos e publicações recentes é atenuado. Porque após se decidir sobre o rumo a tomar, formar uma opinião e concentrar-se nos objetivos da tese, a tendência despoletada pelo excesso de oferta de artigos e obras que podem eventualmente contribuir para a sustentação da nossa metodologia ou teoria é diminuído de impacto. O saber impor limites do que interessa é fundamental. Mas mais importante ainda é mesmo decidir aquilo que não tem interesse para a nossa investigação. Saber delimitar a pesquisa é a chave para o sucesso. Sem isso o risco de nos perdermos no limbo dos corredores da maior biblioteca mundial (que é a digital) é quase uma certeza.

5. NOTAS CONCLUSIVAS

Perder-se. O risco que a crescente oferta de informação digital, que veio apresentar-se como um sonho académico tornado realidade, por estar ali ao alcance de um clique, apresenta é esse. Na minha tese de doutoramento, cujo tema central é o *cyberbullying*, a variedade de publicações era imensa. Tendo em conta tratar-se de um fenómeno que ocorre na cibercultura (Pinheiro, 2009), tal seria de esperar. Agora,

a dispersão de abordagens era de tal ordem que se apresentou necessário fazer escolhas. Mas isto é um processo comum a todos os doutoramentos. Perante o facto de se ter disponível todo um mundo de informação, escolher é preciso. E justificar a escolha de uma linha de abordagem ou de direção da tese é, talvez, umas das coisas mais fáceis para um doutorando. Isto porque a maior dificuldade se prende com a escolha. No meio da disponibilidade monumental de artigos, opiniões, comentários e obras em formato digital provenientes das mais variadas áreas aos quais se pode aceder em segundos com uma simples busca no Google, a tentação é grande. Se há uma coisa que um investigador tem é vontade de fazer o melhor possível. Existe sempre aquele bichinho interior que nos diz que com tantas possibilidades poderíamos não optar por uma linha e antes abordar tudo, pelo simples facto de que temos material suficiente disponível para isso. Agora, seguir por esse pensamento é querer transformar uma tese de doutoramento numa enciclopédia. E esse não é propriamente o melhor caminho. Até porque todas as teses exigem um planeamento, uma definição de objetivos iniciais. É a partir daí que se começa a caminhar na sua elaboração e a se embrenhar na pesquisa *online*. Muitas vezes acontece é que os artigos mais recentes que um doutorando vem a encontrar podem deitar por terra ou mexer significativamente com a investigação em curso. Ou porque alguém publicou algo ou porque existe controvérsia no meio. Mas este é um processo natural no mundo científico, pelo que devemos atualizar-nos com frequência. A epopeia de uma tese doutoral pode não passar pela insistência nos objetivos iniciais da tese, mas na capacidade de flexibilizar os mesmos. O facto das teses demorarem anos a concluir faz com que um investigador corra o risco, agora com as publicações digitais que ficam disponíveis a partir do momento que são colocadas *online*, de ver a sua tese deixar de ser original porque alguém entretanto concluiu um estudo sobre o assunto. Nesses casos é ter o discernimento de redirecionar a investigação tendo em conta os avanços no estado da arte para ir mais longe. É flexibilizar, pensar, decidir e arriscar. É abraçar as vantagens que o *boom* de publicações digitais nos trouxe. Quando o risco passa por perder-se em informação, a vantagem é a sua disponibilidade. Cabe a nós, doutorandos e investigadores, sensibilidade e convicção quando pesquisamos *online*, de modo a que esta não se converta em *pharmakon*.

FINANCIAMENTO

O projeto de doutoramento de Luzia Pinheiro, intitulado “Cyberbullying e Cyberstalking” (SFRH/BD/62013/2009) é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do QREN – POPH, participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MEC.



REFERÊNCIAS

- Google (2014a) *Por dentro da pesquisa*, disponível em <http://www.google.com/intl/pt-PT/inside-search/>, consultado em 27/08/2014.
- Google (2014b) *Pesquisa avançada*, disponível em <https://support.google.com/websearch/answer/35890>, consultado em 28/08/2014.
- Lacerda, M. (2008) *Google: aprendendo a melhorar a sua pesquisa web*, disponível em <http://morgana-lacerda.files.wordpress.com/2008/10/googlepesquisaweb.pdf>, consultado em 28/08/2014.
- Lemos, A. (2003) 'Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época' in A. LEMOS & P. CUNHA (orgs.) *Olhares sobre a cibercultura*, Porto Alegre: Sulina, 11-23.
- Mendes, C. (2009) "A pesquisa on-line: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual", *Hipertextos*, 2, disponível em <http://www.hipertextus.net/volume2/Conrado-Moreira-MENDES.pdf>, consultado em 28/08/2014.
- Pereira, E. A. J. (2008) "Google: ferramenta de busca de informação na web", *Saber Digital*, CESVA, 1(1): 18-32, disponível em http://www.faa.edu.br/revista/v1_n1_art02.pdf, consultado em 27/08/2014.
- Pinheiro, L. (2009) *Cyberbullying em Portugal: uma perspectiva sociológica*, Tese de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9870/1/tese.pdf>, consultado em 16/07/2013.
- Sampaio, J. (2010) *Como pesquisar no Google [dicas e truques]*, disponível em <http://safepctuga.blogspot.pt/2010/06/como-pesquisar-no-google.html>, consultado em 28/08/2014.